

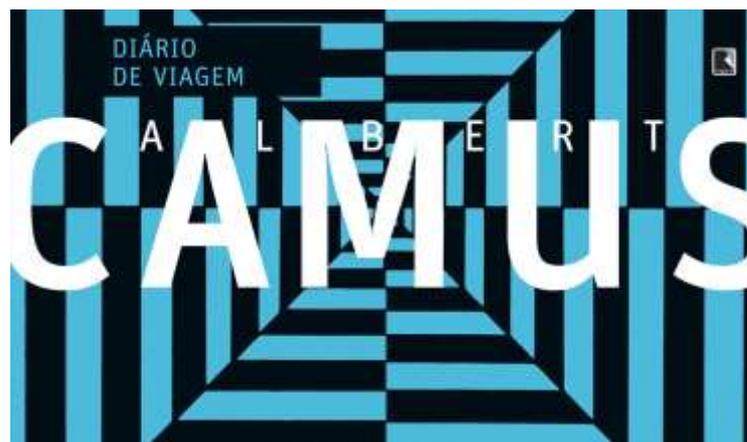


Ponto de Vista
Point of View

**ENTRE O HUMANISMO E O ETNOCENTRISMO: NOTAS
CRÍTICAS ACERCA DO DIÁRIO DE VIAGEM DE ALBERT CAMUS**

*BETWEEN HUMANISM AND ETHNOCENTRISM: CRITICAL NOTES ON ALBERT CAMUS'S
TRAVEL DIARY*

Jean Henrique Costa¹
Raoni Borges Barbosa²



¹ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Doutor em Ciências Sociais. E-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com

² Professor Visitante da Universidade Federal de Roraima – UFRR. Pesquisador Bolsista DCR-CNPq da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí – FAPEPI. Professor Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia da UFPI (PPGAnt) e da UFRR (PPGAnts). E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com

O livro *Diário de Viagem*, de Albert Camus, é um trabalho que anuncia tanto aspectos circunscritos e íntimos de sua biografia intelectual inquieta, quanto determinadas questões estruturais de seu tempo atravessado pelo fantasma descivilizatório das duas grandes guerras mundiais que desestabilizaram os imperialismos europeus e impuseram uma Nova Ordem Mundial abalizada no antagonismo polido e cínico entre as potências capitalista e socialista de administração do mundo do trabalho.

Nesta obra, cujo objetivo foi narrar duas de suas viagens à América nos anos quarenta do século passado, Camus revela-nos uma visão de mundo permeada por uma boa dose de Etnocentrismo, típica de homens brancos e europeus. Eis que, apesar de sua periférica ascendência argelina, colonizada e ressentida, e de ter compreendido – talvez como poucos de sua geração – as questões centrais do imperialismo e da violência colonial, nem mesmo o seu Humanismo aguçado e a sua crítica refinada o livraram do preconceito pitoresco e tacanho de um franco-argelino tentando traduzir as terras exóticas do além-mar, longe da envelhecida e pretensamente polida civilização europeia.

Na América do Norte, Camus esteve entre março e maio de 1946. Na América do Sul, entre junho e agosto de 1949. Apesar do curto tempo fracionado em duas estadias, o viajante expedicionário Camus nos mostra não apenas uma percepção individual sobre a divisão territorial do trabalho e da cultura vivida na América – através da dicotomia Norte-Sul –, mas, sobretudo, apresenta um recorte do modo coletivo de sentir, pensar e agir que o europeu médio tinha sobre o continente americano, grosso modo dado pela racionalidade capitalista nos EUA e pelo aparente atraso e pobreza na porção sul-americana.

Os relatos de viagem de Camus, não obstante sua eloquência, são testemunhos de como o intelectual humanista da já econômica e politicamente superada civilização europeia no concerto das Nações enxergava a diferença cultural, a alteridade sociopolítica e a vida ordinária nas Américas: um burburinho potente de atividade burguesa efervescente e luminosa, por um lado; e um abandono desalentador da razão crítica e da técnica emancipatória, por outro! Qualquer proximidade climática, humana ou arquitetônica em relação ao velho Continente, agradavam-no. Longe disto, causavam-lhe desconforto ou desatavam-lhe um sofrido exercício de relativismo cultural. Mas aqui não estamos para julgá-lo, e sim para apreciar criticamente seu *Diário de Viagens*!

Cabe enfatizar, para começo de conversa, que o *Diário* narra como o Atlântico foi atravessado na tortura material das cabines sem privacidade dos navios. O deslocamento, a distância e o meio de transporte afeito à massa proletária, portanto, desagradaram o nosso narrador. Na travessia, Camus reclamara de tudo: do cansaço de corpo e mente, do contato com tipos sociais desinteressantes, das rotinas massacrantes, da demora etc. Para ele, o dia arrastava-se pesado e monótono. Praticamente a única coisa que o agradava ao longo da viagem era a contemplação do oceano, mas, ainda assim, Camus estava quase sempre gripado e indisposto para melhor o apreciar, tal qual a figura do aristocrata francês – enjoado e decadente demais para as aventuras ultramarinas entre selvagens e bárbaros – que já se popularizara nos circuitos parisienses.

Chegando na América do Norte, em Nova Iorque, Camus estranha de pronto o imenso mundo de concreto, de cimento e de ferro. Reclama do estilo de vida metropolitano frenético e visceralmente pautado pelo dinheiro, da velocidade de humanos e não-humanos em interação superficial e da poluição visual estampada na luminosidade dos anúncios do pujante capitalismo ianque. Apesar de perceber

hospitalidade em sua acolhida – certamente por sua iminente distinção e condição de intelectual conferencista europeu –, Camus sente enfaticamente o cinza moral e a frieza emocional nas relações humanas.

Nesse sentido, o literato melancólico Camus percebe a rudeza utilitarista na materialização urbanística de Nova Iorque como uma “ilha coberta com seus monstros de pedra” (Camus, 2019, p. 33), exalando “um aroma de ferro e de cimento” (Camus, 2019, p. 29). Os apontamentos a seguir destacados resumem bem essa impressão franco-parisiense acerca da proposta civilizatória massificante das terras nova-iorquinas:

Fundeamos na baía de Hudson e só vamos desembarcar amanhã de manhã. Ao longe, os arranha-céus de Manhattan sobre um fundo de bruma. Sinto o coração tranquilo e seco, como quando me vejo diante de espetáculos que não me comovem (Camus, 2019, p. 27).

Subimos o porto de Nova York. Espetáculo formidável, apesar ou até por causa da bruma. A ordem, o poder, a força econômica estão lá. O coração treme diante de tanta desumanidade admirável [...] À primeira vista, cidade horrenda e desumana. Mas sei que se muda de opinião. São os detalhes que me impressionam: os lixeiros usando luvas, o trânsito disciplinado, sem intervenção de guardas nos cruzamentos etc., ninguém nunca tem troco neste país e todo mundo parece sair de um filme seriado. À noite, ao percorrer a Broadway de táxi, cansado e febril, fico literalmente atordoado pela feira luminosa (Camus, 2019, p. 26-27).

Camus é acometido, em Nova Iorque, pelo impacto da vida econômica urbano-comercial moldando objetiva e subjetivamente as relações humanas em ética e estética blasé, seja instrumentalizando no plástico a descartabilidade dos vínculos afetivos, seja calculando e medindo valores de uma reciprocidade cada vez mais impessoal, anômica e burocrática. Seu olhar está ainda e irreversivelmente voltado para a poética da vida francesa como píncaro estético da Civilização das Luzes, muito mais ritualística e permeada pelo *savoir-faire* da grande corte que irradia o cerimonial petulante de hierarquias, posições e lugares pesadamente estamentais, não de todo maculados pela celeridade serial da indústria e pela platitude vazia do comércio, ambas as faces orgulhosas da América nova-iorquina.

Em Nova Iorque, contudo, destoando daquela aura cinza e calculista da vida pequeno burguesa, Camus sente alguma vida mais íntima e encorpada em uma dada boate ao ouvir um magistral pianista negro que, para ele, provoca a “impressão de que só os negros dão a vida, a paixão e a nostalgia neste país que eles colonizam à sua maneira” (Camus, 2019, p. 35). Mesmo assim, Camus quer voltar para casa. Sente-se deslocado, embriagado na vertigem do estranhamento e da evitação em relação a um mundo vampírico, apesar da hospitalidade dos anfitriões. A narrativa sobre sua presença nos EUA se resume, portanto, à distância existencial provocada pela cidade de Nova Iorque.

Já no Canadá, em uma rápida descrição de sua passagem, Camus apresenta uma leitura oposta da paisagem humana e urbana ianque:

Grande campo, limpo e arejado, com casas pequenas e grandes de colunas brancas e grandes árvores bem plantadas, e os gramados que nunca são separados por cercas, de tal modo que é um único gramado que pertence a todo mundo, e no qual belas crianças e adolescentes ágeis riem, numa vida cheia de coisas boas e de cremes fortes. Aqui, a natureza contribui para o belo conto de fadas americano (Camus, 2019, p. 40).

Camus encanta-se por Quebec. Talvez em função de sua vida francófona na América, percebe alguma beleza. Assim registra em seu *Diário*: “A prodigiosa paisagem de Quebec. Na extremidade do cabo Diamond, diante da imensa fenda do São Lourenço, ar, luz e águas confundem-se em proporções infinitas. Pela primeira vez neste continente, a impressão real da beleza e da verdadeira grandeza” (Camus, 2019, p. 42). Entretanto, a passagem pela América do Norte tem menor riqueza narrativa de detalhes, compreendendo apenas generalidades: Camus reproduz, desta forma, a clássica visão romantizada sobre o Canadá e a temerosa visão sobre a frieza das relações humanas nos EUA, sobretudo nas grandes cidades dominadas pela racionalidade do tempo financeiro e pela divisão liberal-utilitarista do trabalho.

Na América do Sul, Camus tece o padrão esperado – exotizado – de tradução de nossa vida cultural, todavia com maior detalhamento de cores, movimentos e sabores. No Brasil, já no Rio de Janeiro, o trânsito e a pobreza urbana chamam a sua atenção. Camus se impressiona com a anarquia de nosso deslocamento ordinário pela cidade colonial inchada de questões sociais não resolvidas politicamente ou apenas administradas à base de violência e fome (em todos os sentidos), no qual “os motoristas brasileiros ou são alegres loucos ou frios sádicos. A confusão e a anarquia deste trânsito só são compensadas por uma lei: chegar primeiro, custe o que custar” (Camus, 2019, p. 62).

O relato a seguir, contextualizado no Rio de Janeiro, apresenta uma cena ilustrativa do espanto com que Camus percebe o fluxo de humanos e não-humanos naquela Roma tropical de abismos sociais em conjunção física:

Na volta, num *lotação* (sic), espécie de táxi coletivo, assistimos a um dos inúmeros acidentes provocados pelo trânsito inverossímil. Um pobre velho negro mal-embrenhado numa avenida rutilante de luzes é colhido por um ônibus, que o lança dez metros à frente, como uma bola de tênis, contorna-o e foge. Isso se deve à estúpida lei de flagrante delito, segundo a qual o motorista teria sido levado à prisão. Portanto, ele foge, não há mais flagrante delito e não será preso. O velho negro fica lá, sem que ninguém o levante. Mas o impacto teria matado um boi. Descubro mais tarde que será colocado sobre ele um lençol branco, em que o sangue se irá espalhando, com velas acesas ao redor, e o trânsito continuará a sua volta, contornando-o, até que cheguem as autoridades para a reconstituição (Camus, 2019, p. 80).

Em outra passagem de seu *Diário*, também referindo-se ao carnavalizado Rio de Janeiro, Camus se revolta diante da banalidade da violência endêmica e difusa que abraça fatalmente mais um que apenas morre na contramão da não-cidadania: “De novo, uma mulher estendida, sangrando, diante de um ônibus. E uma multidão que olha, em silêncio, sem prestar-lhe socorro. Esse costume bárbaro me revolta” (Camus, 2019, p. 94). Nosso narrador franco-argelino, tomado de Etnocentrismo pedante, *bestializa* o seu sofisticado Humanismo e tropeça no moralismo piegas e pequeno burguês que classifica a precariedade estrutural do capitalismo dependente com barbárie cultural e estupidez individual.

Para além daquele brutalizado trânsito, a paisagem da pobreza urbana também chama sua atenção, especialmente se atentando aos contrastes entre a concentração de renda e sua materialidade no espaço, em que forma-mercadoria, forma-salário e formacidade compreendem expressões de uma dinamicidade socioeconômica entre senhores nababescos de babilônias sul-americanas e lazarentos despossuídos e favelizados, mesclados na mesma dança e separados em destinos de classe.

O contraste mais impressionante é fornecido pela ostentação de luxo dos palácios e dos prédios modernos com as favelas, às vezes a cem metros do luxo espécies de *bidonvilles* agarrados ao flanco dos morros, sem água nem luz, onde vive uma população miserável, negra e branca [...] Nunca o luxo e a miséria me pareceram tão insolentemente mesclados (Camus, 2019, p. 62).

Camus esbanja do exotismo analítico em sua descrição da vida cultural brasileira, ora pincelando contrastes sociais e contornos culturais, ora valendo-se de uma ótica paisagística que transforma os cenários relacionais em pura Natureza. “Há neste quase céu uma ternura e uma nostalgia selvagem” (Camus, 2019, p. 70), sendo o “Brasil uma terra sem homens. Tudo é criado aqui à custa de esforços desmedidos. A natureza sufoca o homem” (Camus, 2019, p. 77). Nesse diapasão, fora o trânsito caótico e a gritante percepção sobre a desigualdade social, o clima também o sufoca. “Nesse clima, fica-se molhado duas vezes: primeiro, a chuva, depois, a própria transpiração” (Camus, 2019, p. 83). O calor foi um aspecto bastante limitante de sua passagem pelo Brasil. Não é à toa que, somente nas áreas mais frias do Uruguai e do Chile, nosso narrador se sentiu mais confortável.

Chegando em Recife, Camus descreve a paisagem como uma “terra vermelha devorada pelo calor” (Camus, 2019, p. 83); não obstante, afirma gostar da cidade: “Florença dos trópicos, entre suas florestas de coqueiros, suas montanhas vermelhas, suas praias brancas” (Camus, 2019, p. 84). A Bahia, de “onde só se veem negros”, parece-lhe “uma imensa *casbah* fervilhante, miserável, suja e bela” (Camus, 2019, p. 87). Pouco falou sobre São Paulo, exceto “cidade estranha, Oran desmedida” (Camus, 2019, p. 97), destacando seus letreiros luminosos que se acendem no topo dos arranha-céus. A sua avaliação positiva sobre o Brasil praticamente se resume ao nosso barroco estampando portugalidades e brasilidades sincréticas, mas terrivelmente padronizadas:

Visita às igrejas. São as mesmas de Recife, se bem que tenham mais fama [...] É sufocante. Mas esse barroco harmonioso repete-se muito. Finalmente, é a única coisa a ser vista neste país, e isso se vê depressa. Resta a vida verdadeira. Mas sobre esta terra imensa, que tem a tristeza dos grandes espaços, a vida é mesquinha, e seriam necessários muitos anos para integrar-se nela. Será que sinto vontade de passar alguns anos no Brasil? Não. (Camus, 2019, p. 87).

No entanto, mesmo compreendendo os limites de nosso desafio civilizacional, Camus cai em uma narrativa naturalista que dá ao Brasil cores, aromas e sons romantizados que minimizam nossos problemas estruturais:

O Brasil, com sua fina armadura moderna colada sobre esse imenso continente fervilhante de forças naturais e primitivas, me faz pensar num edifício corroído cada vez mais de baixo para cima por traças invisíveis. Um dia o edifício desabarará, e todo um pequeno povo agitado, negro, vermelho e amarelo espalhar-se-á pela superfície do continente, mascarado e munido de lanças, para a dança da vitória. (Camus, 2019, p. 92).

Daí que, reproduzindo – sem citar – a ideia buarqueana de Homem Cordial, Camus sente as artimanhas, astúcias e malandragens inerentes às desiderabilidades inconfessadas mas latentes das nossas relações sociais. “Mais uma vez a refinada polidez brasileira, talvez um pouco cerimoniosa, mas que mesmo assim é melhor que a grosseria europeia” (Camus, 2019, p. 104). “... é o país da indiferença e da exaltação. Não adianta o arranha-

céu, ele ainda não conseguiu vencer o espírito da floresta...” (Camus, 2019, p. 108). Por conseguinte, termina reproduzindo uma ideia de Brasil como povo amável e ritmado, musicalizado e feliz, faminto e dadivoso – apesar da enorme pobreza – e capaz de superar com criatividade e mistura o atraso material e os infortúnios da Natureza sedutora.

Camus, saindo das terras brasileiras, no Uruguai, especificamente na cidade de Montevideú, sente-se mais à vontade e aclimatado em latitudes austrais e de mais intensa carga cultural europeizante.

A ponta da cidade é banhada pelas águas amarelas do rio da Prata. Arejada, regular, Montevideú é cercada por um colar de praias e um bulevar marítimo que me parecem belos. Há uma descontração nesta cidade, onde me parece mais fácil viver do que nas outras cidades que vi aqui. Mimosas nos bairros de lazer e as palmeiras fazem pensar em Menton. Aliviado, também, por estar num país de língua espanhola. (Camus, 2019, p. 111).

Sobre Buenos Aires, Camus pouco fala. Talvez o cansaço o tenha deixado ranzinza e desinteressado. “Volta pela cidade – de uma feiura rara”. (Camus, 2019, p. 112). Todavia, gosta de Santiago do Chile:

Santiago espremida entre as águas e os Andes – As cores violentas (as maravilhas cor de zarcão), as ameixeiras e amendoeiras em flor destacam-se sobre o fundo branco dos picos de neve – país admirável [...] Sinto-me bem no Chile e poderia viver um pouco aqui, em outras circunstâncias (Camus, 2019, p. 114-116).

Em suma, aqui temos quiçá um intelectual igualmente encantado e desencantado com o Velho Mundo, mas também apreensivo e receoso com o Novo Mundo que o desgastara nessas viagens – e com qualquer mundo possível cuja civilização anule o ser humano em sua plenitude. Por isso as viagens lhe foram um certo tormento, não somente pela saudade de casa, mas por seu frágil estado de saúde e pela depressão em curso que o abalava existencialmente. Sobre seu estado de saúde, três passagens atestam a preocupante situação:

- “Terrível sentimento de abandono. Ainda que abraçasse todos os seres do mundo, não estaria protegido contra nada” (Camus, 2019, p. 44).
- “No entanto, há momentos em que gostaria de evitar a face humana” (Camus, 2019, p. 59).
- “É o inferno, de certa forma, esta depressão. Se as pessoas que me recebem aqui sentissem o esforço que faço para parecer normal, fariam ao menos o esforço de um sorriso” (Camus, 2019, p. 111).

Camus está, pois, excessivamente ciente de nossa miséria cotidiana existencial: “A Sra. D. e eu concordamos ao achar que a maioria das pessoas não leva a vida que gostaria de levar e que nisso há covardia” (Camus, 2019, p. 26). Para suportar isso, nos navios que o deslocam, prende-se ao mar, seu companheiro que alivia o fardo da viagem. “Depois vou olhar o mar. Uma lua crescente sobe por cima dos mastros. Até perder de vista, na noite ainda não inteiramente densa, o mar – e um sentimento de calma, uma poderosa melancolia sobem, então, das águas. Sempre apaziguei tudo no mar” (Camus, 2019, p. 48). E complementa, na sua retórica do absurdo: “As águas estão pouco iluminadas na superfície, mas sente-se sua escuridão profunda. O mar é assim, e é por isso que eu o amo. Chamado de vida e convite à morte” (Camus, 2019, p. 50).

Essas foram as duas viagens deste *Diário*. Nestes relatos, Camus é acima de tudo um estrangeiro, tanto no sentido restrito da palavra, quanto como um ser que promove a postura solitária, de desengate moral-emotivo e de recusa cognitiva e comportamental frente aos papéis que a sociedade lhe buscou impor. Sem tanto sucesso! Eis seu triunfo! E viagem mais ousada e duradoura!

REFERÊNCIAS

Camus, Albert. **Diário de Viagem**. Tradução de Valerie Rumjanek. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

Cronologia do Processo Editorial *Editorial Process Chronology*

Recebido em: 03/08/2024

Aprovado em: 13/11/2024

Received in: August 03, 2024

Approved in: November 13, 2024